

LEIA NESTA EDIÇÃO:

1 – Um Minuto de Reflexão; 2 - Edital MCT/FINEP/FNDCT 01/2009; 3 – Mel e conservação ambiental: uma mistura saudável; 4 - Indígenas vão coletar mel em Joaquim Gomes; 5 – Maçã, pêssego, mel e lã recebem apoio para comercialização; 6 – Recomendaciones para el control de VARROA; 7 – Polilla de la CERA; 8 - EXPORTAÇÕES DE MEL DUPLICAM EM 2008; 8 – Programa de Incentivo às RPPNs da Mata Atlântica abre inscrição para VII Edital de projetos, primeiro a englobar toda a Mata Atlântica.

1 – Um Minuto de Reflexão

· "Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com freqüência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar." - William Shakespeare

· "Procure ser um homem de valor em vez de ser um homem de sucesso." - Albert Einstein

2 – Edital MCT/FINEP/FNDCT 01/2009

Eis material que pode significar oportunidades aos segmentos que representam, para os possíveis potenciais interessados. A interação das academias com a iniciativa privada neste tipo de edital é fundamental e o principal fator alegado para a baixa participação do setor privado é a falta destas informações.

Destacamos liminarmente que há áreas de interesse observados nas páginas 7, 8 e 9 (biotecnologia e social) do documento com destaque para o GT- Agropecuário de Biotecnologia, e das organizações estaduais de empresas produtoras de inoculantes com registros e cadastros nas SFAs e no MAPA. É ainda possível haver interesse de investimentos privados, sob a forma de contrapartidas, em desenvolvimentos e inovações por parte das cooperativas e empresas produtoras de insumos, de equipamentos agropecuários e de implementos agrícolas.

Disponíveis novos EDITAIS para Sistemas Produtivos - O Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT e a Financiadora de Estudos e Projetos tornam público o Edital Nº 01/2009, que tem como objetivo apoiar o desenvolvimento de produtos, serviços e processos inovadores em empresas brasileiras através de subvenção econômica.

O objeto do presente é apoiar projetos de inovação, nas seguintes áreas: Tecnologias da Informação e Comunicação, Biotecnologia, Saúde, Defesa Nacional e Segurança Pública, e Energia e Desenvolvimento Social.

O edital está disponível em www.finep.gov.br, com data limite para submissão de propostas até 27 de março de 2009 e divulgação do resultado final a partir de 07 de julho de 2009.

O Edital completo e maiores informações podem ser encontrados em http://www.finep.gov.br/fundos_setoriais/subvencao_economica/editais/Subvencao_2009.pdf
Secretaria Técnica do GTP APL - Departamento de Competitividade Industrial/SDP

Fonte: apacameplenario@yahoogrupos.com.br - Apacame Plenário - Data: 13/01/2009 –

3 – Mel e conservação ambiental: uma mistura saudável

Por: Andressa Brito - Desde 1997, no Projeto Assentamento Rio Prata, Eloir Francisco da Rosa, casado e pai de duas meninas, trabalha com a criação de colméias. A idéia de se tornar apicultor veio quando ele fez o primeiro financiamento, na época, o PROCERA – Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária.

Plano Amazônia Sustentável é tema de reunião em Brasília; · Naturatins devolve pássaros apreendidos à natureza; · Governo do Rio unifica órgãos da área ambiental.

No início, eram 20 caixas de abelhas. Atualmente, são 80, que em sua maioria estão em reservas legais de outros pequenos agricultores. A apicultura despertou nele um desejo de ajudar no combate a queimadas, desmatamento e poluição dos rios. Até porque, a qualidade do mel depende do meio onde as abelhas vivem. Quanto mais harmônico for o ambiente, melhor será o mel produzido.

Em sua chácara, Eloir mantém árvores nativas, como as de pequi, e cerca de 10 hectares de floresta densa intacta. Além disso, tem o cuidado de não colocar suas caixas de abelhas próximas a lavouras, por causa dos agrotóxicos que, porventura, possam estar na plantação de outros agricultores.

Esses procedimentos asseguram ao mel e a própolis sabor e grande valor nutricional. Prova disso, é sua produção de 1200kg/ano, que é vendida em forma de sachê e vasilhames de vários tamanhos, para o comércio local e cooperativas. No atacado, cada quilo sai a R\$8,00 e no varejo a R\$10,00, um investimento mínimo, quando comparado aos sais minerais e vitaminas oferecidas pelo alimento.

Para qualificar o agricultor familiar e incentivar a atividade, o governo do Estado, por meio do Ruraltins – Instituto de Desenvolvimento Rural do Tocantins, promoveu cursos de apicultura, na região. As aulas práticas do último foram, inclusive, na chácara do senhor Eloir. "O Eloir é um exemplo de desenvolvimento sustentável e um grande difusor da apicultura aqui em Divinópolis", afirma Wilton Moreira Borges, chefe do escritório local do Ruraltins.

A importância do associativismo - Presidente da associação Rio Prata, Vice-presidente da Associação de Apicultores de Dois Irmãos e suplente na Diretoria dos Trabalhadores (as) Rurais de Divinópolis, Eloir ressalta as vantagens das associações e cooperativas no fortalecimento da apicultura. "Quando iniciei a coleta do mel, não existia nenhuma associação, então gastei quase R \$4.000,00 na aquisição dos equipamentos (mesa desoperculadora, garfo desoperculador, centrífuga e decantador). Hoje, os associados já podem utilizar os equipamentos da Associação, sem nenhum custo".

Outro benefício para os associados, segundo ele, é a compra de vasilhames, para o armazenamento do mel, a preços mais baixos, o que reduz os custos da produção e resulta em um mel com preço mais competitivo. Sem falar que, unidos, os apicultores da região têm mais condições para buscar melhorias para a classe e conseguir mercado fixo para os produtos – um dos problemas enfrentados.

Mel na alimentação - O pensamento de que mel é remédio está cada vez mais obsoleto, segundo a nutricionista Rafaela Magalhães, da Clínica Cemedi, em Palmas. Magalhães afirma que há pesquisas recentes comprovando os benefícios do alimento para a saúde humana, mas adverte que ele é tão calórico quanto o açúcar refinado, devendo ser evitado por quem está em dieta ou é diabético.

A nutricionista Gisele Pontaroli Raymundo acrescenta que o mel é um excelente energético, bactericida, anti-séptico, anti-reumático, vasodilatador, diurético, digestivo, hiperglicêmico, tonificante, antiespasmódico, sedativo, vermífugo, entre outros. Estudos mostram que ele é um bom coadjuvante no tratamento de problemas pulmonares, da garganta, do coração e da visão. Também tonifica e rejuvenesce a pele e os músculos. Há vários produtos de beleza à base de mel, como xampus, cremes e hidratantes.

A própolis, substância resinosa coletada por abelhas em diversas partes das plantas, é um esterilizante natural, que protege a colméia de corpos estranhos e epidemias, garante Eloir. No meio social, desde a antiguidade, ela é usada de forma terapêutica. Os egípcios a utilizavam como bactericida e para embalsamar suas múmias; na atualidade é usada como um antibiótico natural.

Fonte: Apacame-Web - Veículo: Tocantins Notícia - Seção: Notícias Gerais - Data: 13/01/2009 - Estado: TO

4 - Indígenas vão coletar mel em Joaquim Gomes

Waldson Costa – Repórter - SUCURSAL - Atréadas ao programa de agroecologia, desenvolvido pelo Movimento Minha Terra (MMT), famílias da comunidade indígena da aldeia Wassu-Cocal, em Joaquim Gomes, fazem a coleta, no final deste mês, da primeira safra de mel, após cerca de um ano de capacitação e manejo dos apiários que foram instalados ao longo da reserva natural pertencente à aldeia Wassu-Cocal.

A estimativa do grupo, com cerca de 18 apicultores que estão vinculados à Associação Indígena Agroecológica Wassu-Cocal, é que este ano cerca de 2 mil litros de mel sejam extraídos das 72 colméias. “A expectativa é de que nesta primeira safra 500 litros de mel sejam retirados e encaminhados à Coopmel, onde serão envasados em sachês para comercialização. Após este processo, a própria associação poderá repassar o produto ao governo estadual”, explicou Carlos Gomes, presidente da associação indígena..

Responsável pelas orientações de apoio técnico do manejo, o coordenador do MMT, Suelzi nio Costa, explica que a atividade econômica da apicultura casou muito bem com a cultura indígena e com os procedimentos de agroecologia desenvolvidos por eles.

“A apicultura foi bem aceita pela comunidade indígena porque favorece diversos aspectos que estão atrelados à cultura deles. Tanto que há uma estimativa para que mais famílias passem a integrar a atividade econômica, reforçando a apicultura em Joaquim Gomes”, expôs Suelzi Costa, ao evidenciar a ação do Sebrae, do Banco do Nordeste, da Conab e da Funai à consolidação da atividade econômica na região da mata norte do Estado.

Fonte: Apacame-Web - Veículo: O Jornal - AL - Seção: Política - Data: 14/01/2009 - Estado: AL

5 – Maçã, pêssego, mel e lã recebem apoio para comercialização

Redação 24HorasNews - Mais uma Linha Especial de Crédito (Lec) foi aprovada pelo governo para apoiar a comercialização de produtos agropecuários. A portaria nº 37, divulgada nessa segunda-feira (19) no Diário Oficial da União (DOU), define a concessão do crédito a beneficiadores e agroindústrias que comprovarem aquisição da matéria-prima diretamente de produtores ou suas cooperativas, pelo preço igual ou superior a R\$ 0,60 por kg de maçã e pêssego, R\$ 2,70 por kg de mel e R\$ 4,00 por kg de lã ovina.

Com a medida, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) atende a setores específicos e financia o carregamento da produção para comercialização em condições de preços mais favoráveis aos produtores rurais, a exemplo do Empréstimo do Governo Federal (EGF).

O prazo de contratação vai até setembro de 2009 e o reembolso é de até 180 dias, com possibilidade de amortizações intermediárias a critério do agente financeiro. A taxa de juros básica é de 6,75% ao ano. (Débora Pinheiro).

Fonte: Apacame-Web - Veículo: 24 Horas News - Seção: Economia - Data: 19/01/2009 - Estado: MT

6 – Recomendaciones para el control de VARROA

El ácaro V. destructor causa anualmente serias pérdidas en la producción apícola del país. En muchos casos ocasiona la muerte de las colonias, pero en otros genera serias pérdidas de producción, debido a un debilitamiento general de las colmenas. Esto se hace mas acentuado en áreas con escasez de polen donde el déficit proteico consecuente suele causar la muerte de las colmenas; o en zonas donde los inviernos son poco rigurosos y la cría permanece durante todo el periodo.

El ácaro V. destructor causa anualmente serias pérdidas en la producción apícola del país. En muchos casos ocasiona la muerte de las colonias, pero en otros genera serias pérdidas de producción, debido a un debilitamiento general de las colmenas. Esto se hace mas acentuado en áreas con escasez de polen donde el déficit proteico consecuente suele causar la muerte de las colmenas; o en zonas donde los inviernos son poco rigurosos y la cría permanece durante todo el periodo facilitando una reproducción ininterrumpida del ácaro mientras disminuye paulatinamente la población de abejas.

Por estos motivos, entrar a la invernada con alto número de abejas, buena cantidad de reservas y sobre todo un bajo número de ácaros es imprescindible para lograr un buen desarrollo de las colmenas durante la primavera. Existen muchas opciones de control en el mundo, pero es necesario diseñar estrategias de control en cada región o en cada país ya que tanto el ácaro como las características climatológicas, íntimamente vinculadas a su reproducción, son propias de cada lugar.

Sin embargo, existe un consenso mundial sobre la necesidad de incorporar al calendario de tratamientos contra varroa una aplicación de acaricidas hacia fin de la cosecha, llamado tratamiento de verano (Imdorf, et al. 1996; Elzen, et al, 2001).

Este tratamiento permite disminuir la carga de Varroa a fines de verano e ingresar al otoño, momento de gran reproducción, con un reducido número de ácaros. Con toda esta información, las instituciones que conforman la CONASA, hemos confeccionado una serie de recomendaciones para implementar un plan de control. estratégico tendiente a disminuir las poblaciones de Varroa en las colmenas y los riesgos de que permanezcan en la miel residuos de los productos utilizados.

Plan estratégico - La magnitud del alcance de la enfermedad dependerá principalmente de las condiciones ecológicas de cada región y de la movilización de colmenas, que por lo general, adelantan la reproducción del ácaro. Por eso se recomendarán dos o tres curas fundamentales, según los casos. Las siguientes recomendaciones se basan en cuatro pilares fundamentales necesarios para asegurar el éxito de las estrategias de control:

1.- La rotación de acaricidas; 2.- El aumento en la utilización de acaricidas orgánicos; 3.- La evaluación del grado de infestación antes y después de aplicado el tratamiento; 4.- Tratamientos zonales coordinados.

Los pilares de la estrategia – 1 - Rotación de los principios activos. Es indispensable para evitar el fenómeno de la resistencia a los acaricidas utilizados actualmente, la rotación obligatoria de los productos. Para lo cual usted debe exigir a su proveedor que especifique además de la dosis a emplear, formas de uso y fecha de vencimiento del producto, el nombre del principio activo con el que fue formulado. Recuerde que todos los productos veterinarios están elaborados con excipientes, vehí culos y un principio activo (Ej. Amitraz, fluvalinato, flumetrina, Ac. Oxálico, Ac. Formico, etc.)

La quimioresistencia es una habilidad que desarrollen algunas plagas para resistir el efecto de los productos con los que se pretende matarla. Se predispone a este fenómeno por el mal uso de los productos y por la utilización ininterrumpida del mismo producto.

Así sucedió en algunas regiones del país con varios principios activos y si no tomamos conciencia de ello y seguimos utilizando el mismo producto en una y otra cura, llegará un momento en el que no contaremos con herramientas para controlar la enfermedad. Entonces para evitar el desarrollo de resistencia y con la finalidad de eliminar los ácaros varroa que pudieran resistir la cura anterior, se cambiará de principio activo para el nuevo tratamiento.

A modo de ejemplo: Si Ud. curo en el otoño con Amitraz, en primavera l o debe hacer con ácido Oxálico o Fórmico. Si para la cura de verano utilizó un piretroide (ej. Fluvalinato), no debe usar para la cura de otoño ni piretroides ni piretrinas (flumetrina). Utilizando otro principio activo de características farmacológicas distintas, se asegura eliminar la población que pudiera haber resistido la acción del producto anterior. Aunque los acaricidas orgánicos por definición no producen resistencia, no es aconsejable utilizar siempre el mismo acaricida orgánico, a fin de evitar mecanismos comportamentales de Varroa, que disminuyan la eficacia de l os acaricidas.

2- Acaricidas orgánicos-evitar los residuos

Para evitar los residuos en mieles es indispensable conocer el momento de aplicación de cada una de las drogas a utilizar. Drogas como cimiazol, coumaphos o Amitraz, deben administrarse básicamente en verano, luego de la última cosecha o en la cura de otoño. En primavera es aconsejable utilizar acaricidas orgánicos (Oxálico, fórmico, timol, rotenona) para evitar el riesgo de dejar residuos. Tenga en cuenta que los acaricidas deben dejar de aplicarse al menos ocho semanas

antes de la mielada. Utilice las dosis recomendadas y en la forma de aplicación que fueron estudiadas. En general para disminuir las visitas a los apiarios se varían las formas de aplicación generando problemas colaterales como residuos o mayor nocividad para las abejas, disminuyendo a la vez la eficacia.

3 - Evaluación del nivel de infestación

En general una vez realizados los tratamientos muchos apicultores esperan hasta las próximas revisiones para ver el estado de las colmenas. Por ser la varroasis una de las principales causas de pérdidas de colmenas, es básico conocer cómo funcionó el acaricida que empleamos, ya que por cambios en el clima, alto nivel de infestación, apiarios cercanos sin tratar, principios activos sin la eficacia suficiente o mal administrados, podemos mantener una alta carga de ácaros en el apiario tratado.

Para realizar los diagnósticos pre y pos tratamiento podemos utilizar un método que consiste en recolectar con un frasco una muestra de 200 a 300 abejas tomadas de ambas caras de tres cuadros de cría de cada colmena.

Para hacer un análisis correcto debemos muestrear por lo menos entre un 15 y 20% de las colmenas del apiario. Una vez obtenida la muestra le agregamos agua, un poco de detergente y un chorrito de alcohol para evitar la formación de mucha espuma. Luego batimos bien y vertimos el contenido sobre un tamiz o colador que retenga a las abejas y deje pasar a los ácaros, debajo retendremos a los ácaros con otro tamiz más fino o simplemente con un trapo blanco. Luego contamos a las abejas y los ácaros. La cantidad de ácaros multiplicado por cien y dividido por el número de abejas nos dará el porcentaje de infestación. Luego del tratamiento, este porcentaje no debería ser mayor al 1%.

4 - Tratamiento zonal coordinado

Como cuarto pilar se puede considerar a la coordinación zonal entre apicultores para la realización de tratamientos simultáneos en todos los apiarios y con el mismo principio activo. De esta manera se evita la reinfestación a través de los apiarios cercanos y se elimina en forma masiva la mayor cantidad posible de ácaros. Conéctese con la Asociación, Centro, Sociedad o Cooperativa Apícola de su zona para comenzar a coordinar los tratamientos en cuanto a fechas y productos a utilizar.

Plan de Curas

El plan consiste de varios (dos o tres) tratamientos indispensables durante el primer año y una evaluación del éxito a fin de temporada y la elaboración del plan para el segundo año. La cantidad de tratamientos variará según el ciclo que tenga cada grupo de colmenas y en las zonas donde se desarrollen.

A.- En las zonas con inviernos rigurosos, en donde la primavera comienza tarde y no hay desarrollo de cría durante el invierno, será suficiente aplicar dos tratamientos.

1) - Primavera tardía - cuando empiece a desarrollarse la cría pero no se ha extendido totalmente. Este tratamiento afectará principalmente a los ácaros en estado forético. Es aconsejable realizarlo con algún acaricida orgánico o de baja residualidad.

2) - Principios de otoño - cuando se termina la cosecha y empieza a disminuir el nido de cría. En estas zonas se trata aproximadamente cada seis meses.

B.- En las zonas con inviernos no tan rigurosos, o en el caso de la trashumancia, es aconsejable hacer tres tratamientos. Los tratamientos indispensables para el primer año se realizarán en las siguientes fechas:

1) Principios de primavera: consistirá en un tratamiento de las colmenas cuando el nido de cría empieza a expandirse. Atacará básicamente a los ácaros en estado forético.

2) Tratamiento de Verano: al finalizar la última vuelta de cosecha, preferentemente con acaricidas que puedan actuar sobre los ácaros en estado forético y a la salida de su periodo reproductivo.

3) Tratamiento de otoño: aplicado cuando el nido de cría se haya reducido en forma importante y los ácaros se hallen en su totalidad en estado forético (sobre las abejas). En estos casos es importante desarrollar a la vez técnicas de manejo que disminuyan el número total de ácaros, como ser, la formación de núcleos con mayor cantidad de cría operculada y realizar un tratamiento luego de quince días deformados ya que antes que comience la postura de la nueva reina siempre existirá un periodo en donde todas las varroas estén sobre las abejas.

Lista de principios activos con efectos acaricidas

1) Primavera - Salida del invierno (apertura del bolo invernal - activación del nido de cría): a. Oxálico
b. Fórmico; c. Rotenona; d. Timol

2) Verano (Después de la última vuelta de la cosecha): a. Fórmico; b. Amitraz; c. Coumaphos; d. Fluvalinato; e. Flumetrina

3) Otoño (antes de entrar a la invernada): a. Timol; b. Oxálico; c. Amitraz; d. Cimiazol; e. Rotenona
f. Coumaphos; g. Fluvalinato; h. Flumetrina

Figura 1. Curva estimada de desarrollo de población de abejas en colmenas y momentos de aplicación de acaricidas. 1i, 2i y 3i: los tratamientos indispensables para el caso B. Tener en cuenta que esta curva corresponde a una zona de clima templado por lo que debe adaptarse de acuerdo al desarrollo poblacional de otras regiones.

Del listado citado anteriormente, no todos los activos conforman productos registrados en SENASA. Muchos de ellos están en proceso de autorización. Una vez que SENASA autorice el uso y comercialización de productos elaborados con esos activos, podrán utilizarse en el plan de control. Se recomienda siempre utilizar productos aprobados por SENASA ya que de esta manera se asegura la calidad y se garantiza que no dejarán residuos en los productos de la colmena.

Otra de las opciones para mantener baja la población de ácaros, sobre todo en pequeñas explotaciones debido a lo engorroso del método, es la utilización de cuadros zanganeros. Hay estudios que confirman la eliminación del 60% de varroas mediante la incorporación y posterior eliminación una vez operculados, de dos cuadros zanganeros.

Se debe prestar especial atención a las colmenas en las que se aplica este método sin dejar más de quince días los cuadros zanganeros dentro de la cámara, pues nacería un número muy elevado de ácaros comprometiendo la viabilidad de la colonia. Por eso se recomienda utilizarlo sólo en explotaciones a pequeña escala y en apiarios de fácil acceso.

Por otro lado, durante toda la temporada los apicultores podrán utilizar mecanismos para la disminución de la carga del ácaro, pero que es sabido no controlan las poblaciones. Los mecanismos permitidos son:

Pisos trampa para Varroa. Utilización de vaselina. Importante: El uso de cualquiera de estos mecanismos, no elimina ninguno de los tratamientos indispensables para el control de Varroa.

A raíz de la gran cantidad de información circulante que carece de rigor científico en torno al uso de la vaselina y a la gran mortandad causada en colmenas solo tratadas con vaselina, nos vemos en la obligación de advertir, que LA VASELINA NO ES UN ACARICIDA y que su eficacia real no supera los límites de daño económico.

Fonte: Apacame-Web - Veículo: Todo Miel - Seção: Vários - Data: 19/01/2009

7 – Polilla de la CERA

Las colonias débiles pueden ser devastadas por la polilla y en algunos casos las abejas abandonan la colmena por el olor que ocasiona este ataque. Hay que tener en cuenta que generalmente estos insectos no son los culpables directos de la muerte de una colmena. El apicultor que vigila bien a sus colonias no sufre daño por la acción de estas mariposas.

La polilla de la cera constituye uno de los problemas más graves que debe afrontar el apicultor en zonas donde esta plaga está extendida. Sus larvas viven a expensas de la cera, capullos de larvas y polen de los panales, en especial los de cría. La más común de las especies de polillas conocidas por los apicultores es la llamada "polilla mayor de la cera" (*Galleria Mellonella*).

Las colonias débiles pueden ser devastadas por la polilla y en algunos casos las abejas abandonan la colmena por el olor que ocasiona este ataque. Hay que tener en cuenta que generalmente estos insectos no son los culpables directos de la muerte de una colmena. El apicultor que vigila bien a sus colonias no sufre daño por la acción de estas mariposas.

Métodos de Control: Como primera medida, el apicultor debe mantener bien fuerte la población de sus colonias, sin dejar colmenas con espacios de sobra. Además de afectar a colonias débiles, las polillas pueden destruir los panales almacenados fuera del ámbito protector de la colmena. Una vez preparadas las colmenas para pasar el invierno el apicultor debe prevenir los ataques de la polilla de la cera realizando una clasificación de cuadros. La misma consiste en descartar los cuadros negros y guardar los más nuevos.

Una práctica natural, ágil y económica, consiste en dejar las alzas con sus cuadros correspondientes apiladas a la intemperie, o bajo un tinglado cerrado con alambre tejido o rejillas excluidoras para evitar la entrada de pájaros o ratones. Debe circular libremente el aire, colocándolos en forma vertical, unos juntos con otros y apoyados sobre soportes.

Aunque no recomendamos el uso de productos químicos para la desinfección de materiales apícolas debido a los residuos que estos puedan transmitir a la miel, existen algunos que son muy utilizados por los apicultores. También, es una práctica conocida en el ambiente el uso de hojas de Laurel colocadas entre el material almacenado.

Como conclusión podemos decir: Las colmenas bien pobladas no van a tener problemas de polillas. Una buena clasificación de cuadros, descartando a los más viejos disminuye el riesgo de ataque de esta plaga. El material almacenado debe permanecer en lugares frescos, secos y ventilados.

Fonte: Apacame-Web – Veículo: Todo Miel - Seção: Vários - Data: 19/01/2009

8 - EXPORTAÇÕES DE MEL DUPLICAM EM 2008

Prezados (as) integrantes e colaboradores (as) da Rede APIS encaminhamos, em anexo, estatísticas sobre exportações brasileiras de mel, cera e própolis, referentes ao ano de 2008.

EM 2008, o setor apícola brasileiro VENCEU GRANDES DESAFIOS NO MERCADO INTERNACIONAL DE MEL. Com o fim do embargo europeu ao mel brasileiro, em 14/03/2008, o setor, que é o 11º produtor mundial de mel e o 9º maior exportador, viu-se frente a novos desafios, impostos pela União Européia (UE) e pelo governo brasileiro, ou seja: a implantação das Boas Práticas e do Sistema HACCP/APPCC (Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle) nos entrepostos e casas de mel, bem como a exigência de registro das Casas de mel (Unidades de Extração) como “Estabelecimento Relacionado – ER”, junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA.

Apesar dessas restrições e da crise econômica mundial que se iniciou nos EUA, o principal destino das nossas exportações, em 2008 o setor dobrou o valor das exportações, US\$ 43,57 milhões (incremento de 106%) e aumentou 42%, 18,27 mil toneladas, as quantidades comercializadas de mel com o mercado Externo, em relação ao ano anterior.

O maior incremento nos valores exportados, quando comparado com as quantidades, se deve ao fato do preço médio obtido pelo mel brasileiro exportado em 2008, US\$ 2,38/kg, ter sido o mais alto da história das exportações brasileiras. Esse preço superou os US\$ 1,64/kg pagos pelo mel brasileiro em 2007, bem como quebrou o recorde do ano de 2003, que foi de US\$ 2.36,00/kg.

DESTINO DAS NOSSAS EXPORTAÇÕES EM DEZEMBRO DE 2008. Em dezembro, mais de dois terços (77,3%) da receita total das exportações de mel (US\$ 3,7 milhões) foi oriunda do Continente Americano, onde os Estados Unidos absorveram 73.4% (US\$ 3,2 milhões) a um preço de US\$ 2,31/kg. Para o Canadá foram destinados 3,9% do nosso mel, pagando US\$ 2,24/kg. Tiveram exportações residuais de mel, 0,2%, para Hong Kong e para o Japão.

Para o mercado Europeu foram destinadas 22,5% das nossas exportações (US\$ 989 mil). A Alemanha respondeu por 11,54% , com um total de US\$ 506.169,00 a um preço de US\$ 2,70/kg. O Reino Unido absorveu 11,0% das nossas exportações de mel, pagando US\$ US\$ 2,65/kg.

A exportação para a Europa, que tradicionalmente, sempre pagou mais pelo mel brasileiro, foi possível em função de haver, em outubro de 2008, 08 entrepostos relacionados / habilitados pelo

Ministério da Agricultura – MAPA para Exportar mel para a União Européia, sendo três do Ceará, dois de São Paulo, dois de Santa Catarina e um do Paraná.

Em 2008, o principal destino das exportações brasileiras de mel foram os Estados Unidos, que responderam por 73,1% do total comercializado, com uma receita de exportação US\$ 31,84 milhões, a um preço de US\$ 2,32/kg de mel. Entretanto, 16,5% das nossas exportações de mel (US\$ 1,39 milhão) já foram comercializadas com a Alemanha, a um preço de US\$ 2,66/kg, portanto, bem acima da média geral (US\$ 2,38/kg).

O terceiro mercado do nosso mel foi o Canadá, que respondeu por 5,3% da nossa receita, com um preço médio de US\$ 2,57/kg de mel. Cabe destacar que as exportações para a União Européia poderiam ser ampliadas caso houvessem mais entrepostos credenciados pelo Ministério da Agricultura para exportar mel para a Europa, uma vez que esse mercado se mostrou bastante comprador e pagou melhores preços pelo mel brasileiro, em relação ao mercado americano.

EXPORTAÇÕES DE MEL POR ESTADO no ano de 2008: A liderança continua sendo de São Paulo com US\$ 13,3 milhões exportados, respondendo, sozinho, por quase um terço (30,5%) das exportações brasileiras de mel, no ano de 2008. O Rio Grande do Sul foi o segundo exportador (US\$ 8,69 milhões), com cerca de um quinto do Valor exportado (19,9%).

O terceiro e o quarto exportadores foram da região Nordeste, que juntos responderam por mais de um quarto (25,6%) das nossas exportações de mel, representada pelo Ceará com uma receita US\$ 6,74 milhões e pelo Piauí com US\$ 4,41 milhões. O quinto exportador foi o Paraná com US\$ 3,80 milhões.

O sexto e o sétimo exportadores foram Santa Catarina (US\$ 3,52 milhões) e o Rio Grande do Norte (US\$ 2,11 milhões). Os demais estados exportadores foram MG (US\$ 667,13 mil), MA (US\$ 187,97 mil), PE (US\$ 71,71 mil) e ES (US\$ 181,00). O melhor preço foi o recebido pelo Ceará (US\$ 2,62/kg de mel), bem acima da média nacional de US\$ 2,38/kg.

Esse melhor preço recebido pelo Ceará, provavelmente, se deve ao fato desse Estado ser um grande exportador de mel orgânico, além de ter três entrepostos habilitados para exportar para Europa.

Os cinco maiores exportadores de mel, em dezembro/2008, foram Ceará (US\$ 1,12 milhões), São Paulo (US\$ 891,37 mil), Rio Grande do Sul (US\$ 810,48 mil), Rio Grande do Norte (US\$ 694,15 mil) e Piauí (US\$ 374,40 mil). O melhor preço foi o recebido pelo Ceará (US\$ 2,51 /kg de mel). Além do Ceará, apenas o Rio Grande do Sul (US\$ 2,54/kg) teve preço acima da média de dezembro/2008 (US\$ 2,38/kg). O menor preço foi o recebido por Minas Gerais (US\$ 2,00/kg).

Das quarenta e cinco empresas que exportaram mel em 2008, apenas seis responderam por 60% das exportações, sendo três empresas de São Paulo, uma de Santa Catarina, uma do Ceará e uma do Piauí. Somente, 13 empresas realizaram 85% do valor total de mel foi exportado, através dos seguintes Estados: três de SP; duas de SC; duas do CE; duas do RS; duas do PR; uma do PI e uma do RN. Trinta e uma empresas responderam pelos 15% restantes do valor exportado. O quadro abaixo apresenta uma síntese das exportações por número de empresas, por faixa de valor e por Estado.

AS EXPORTAÇÕES DE MEL PARA EUROPA: Sete empresas exportaram mel para a União Européia em 2008, sendo três do Ceará, duas de Santa Catarina, uma de São Paulo e uma do Paraná. Entretanto, apenas duas empresas de Santa Catarina responderam por 71% do valor total exportado.

AS EXPORTAÇÕES DE CERA E PRÓPOLIS. No ano de 2008, “Exportação de outras ceras de abelhas” (NCM 1521.9019), mostram reduções de 1,3% em valor e de 18,4% em peso, em relação ao ano anterior. Do total comercializado em 2008, US\$ 4.270.355,00, mais de 87% foram somente com o Japão (US\$ 3,7 milhões), que aumentou em 5,9% o valor de suas importações do Brasil.

O segundo destino das nossas exportações foi a China (US\$ 373.5 mil), embora a nossas exportações para esse país tenham reduzido em 32,4%, em relação ao ano anterior. A liderança na exportação foi de São Paulo (US\$ 2.445.883,00), seguido de Minas Gerais (US\$ 1.714.703,00), que vem ampliando a sua participação. Nesse período, o preço aumentou de US\$ 74,10/kg para US\$ 89,65/kg. As exportações no mês de dezembro/2008 (US\$ 242.376,00) tiveram uma queda de 16,5%, em relação ao mesmo mês do ano passado. Em dezembro, o preço caiu para US\$ 72,44/kg.

“Exportação de própolis” (NCM 1521.9011), observa-se em 2008 um forte aumento (+ 156%) na receita de exportações, em relação ao não anterior. Foram exportados apenas US\$114.398,00, sendo que, no ano passado, as exportações foram de US\$ 44.681,00. O preço médio foi de US\$ 39,80/kg. Minas Gerais assumiu a liderança na exportação, com uma receita de US\$ 85.905,00. Os demais exportadores foram São Paulo (US\$ 19.021,00), Piauí (US\$ 6.614,00) e Rio Grande do Sul (US\$ 1.958,00). Em dezembro não houve exportação.

Vale destacar que as classificações (NCM 1521.9019) e (NCM 1521.9011) não possibilitam uma análise mais precisa do mercado de cera de abelha e de própolis, por, muitas vezes, comportarem produtos distintos sob a mesma classificação. Provavelmente, ambas tratam do mesmo produto, ou seja: da própolis.

OS NOVOS DESAFIOS DO MERCADO INTERNACIONAL. Atendidas as exigências da União Européia, relativas ao cumprimento do acordo relativo à implantação do PNCR, que resultou na suspensão do embargo do mel, surgem outros grandes desafios para o setor apícola:

- Superação da forte dependência das exportações brasileiras de mel do mercado americano, que respondeu por mais de 73% do valor exportado em 2008, que se agrava com a crescente participação do Canadá, Rússia e Índia nesse mercado. Esse quadro pode se tornar crítico se a Argentina voltar a ocupar o lugar de destaque que sempre teve como fornecedora de mel para os EUA.
- Busca de novos mercados, face à possibilidade de agravamento da recessão na economia americana, desencadeada pela crise hipotecária/ imobiliária, cujos impactos já são sentidos em todo o mundo.
- Realização de um grande esforço integrado entre os setores públicos e privado, buscando aumentar a velocidade de retorno das exportações de mel para o mercado europeu, tendo em vista a superação dos seguintes gargalos:

- Dificuldades para implantar, em curto prazo, as Boas Práticas e o Sistema HACCP/APPCC (Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle) nos entrepostos e casas de mel, em atendimento às exigências para exportação de mel para a Europa, conforme Regulamentos 852, 853 e 854/2004 do Parlamento e do Conselho Europeu.

- Dificuldade dos milhares de pequenos estabelecimentos rurais em atender à atual exigência do MAPA, referente ao registro das Casas de mel (Unidades e Extração) como “Estabelecimento Relacionado – ER”, junto esse Ministério. Cabe destacar que essa exigência do MAPA, apesar de positiva a longo prazo, por contribuir para uma a melhor “governança” do setor, deverá diminuir o ritmo do retorno das nossas exportações de mel para a União Européia, a curto e médio prazos.

A BUSCA DO MERCADO INTERNO COMO ALTERNATIVA E SUPORTE PARA AS EXPORTAÇÕES.

Objetivando reduzir a vulnerabilidade do setor, em face de sua alta dependência do mercado externo, observada em 2008, outro grande desafio continua sendo a ampliação do consumo interno, considerado muito baixo (128 gramas de mel por habitante/ano) quando comparado com o de países desenvolvidos, que é de mais de um quilo per capita/ano.

Os segmentos de grande potencial de mercado interno são o da merenda escolar (infantil), o da “geração saúde” (jovens e executivos) e o do consumo industrial (cosméticos e alimentos). Para ilustrar o potencial do consumo interno, cabem as seguintes simulações:

· A inclusão de um sachet de cinco gramas de mel na merenda escolar, para as cerca de 37 milhões de crianças e adolescentes atendidas pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, geraria uma demanda de 33,3mil toneladas/ano, que equivaleria à quase toda a produção nacional estimada pelo IBGE/2006 (36,2 mil toneladas/ano).

· Se cada uma das cerca de 2,1 milhões de pessoas matriculadas em aproximadamente sete mil academias de ginástica, existentes no Brasil, consumisse um quilo de mel/ano, teríamos uma demanda anual de mais de duas mil toneladas de mel.

Ainda quanto às perspectivas do mercado interno, outras potencialidades de geração de trabalho e renda, através da apicultura, poderiam se dar pela ampliação dos serviços de polinização nos grande projetos de fruticultura, silvicultura e de produção de biomassa energética. Nestes casos, a apicultura, por ser uma atividade ambientalmente correta, economicamente viável e socialmente justa, possibilitaria a melhoria do balanço social destes grandes projetos, além de contribuir para o aumento da produtividade e da qualidade dos mesmos.

Atenciosamente, Reginaldo Barroso de Resende - Coordenador Nacional da Rede APIS - UAGRO - SEBRAE NACIONAL - Tel: (61) 3348-7386 - Faça a simulação dos custos de seu apiário acessando: www.sebrae.com.br/setor/apicultura e clique no banner GESTAPI – Gestão da produção apícola.

Fonte: Apacame-Web – apacameplenario@yahoogrupos.com.br - Data: 16/01/2009 - "APACAME Plenário"

8 – Programa de Incentivo às RPPNs da Mata Atlântica abre inscrição para VII Edital de projetos, primeiro a englobar toda a Mata Atlântica

Com recursos de Funbio/KFW, TNC e Bradesco Cartões, iniciativa destina R\$ 500 mil para criação e gestão de reservas particulares

O Programa de Incentivo às Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) da Mata Atlântica, coordenado pelas ONGs Conservação Internacional, Fundação SOS Mata Atlântica e The Nature Conservancy (TNC), está com inscrições abertas para seu VII Edital de projetos, pela primeira vez englobando toda a Mata Atlântica.

Um total de R\$ 500 mil, compostos com recursos do Bradesco Cartões, da TNC e da parceria inédita com o Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio) e o banco alemão KfW, será destinado para criação individual, em conjunto ou para projetos de elaboração e implementação de Planos de Manejo. As propostas devem ser encaminhadas por correio até o dia 16 de fevereiro. Desde o primeiro edital, o programa já beneficiou 172 projetos, num total de 260 RPPNs em processo de criação que protegem mais de 16 mil hectares em áreas de remanescente chave para a conservação da Mata Atlântica. O número total de RPPNs na Mata Atlântica é de 565.

O lançamento do Edital vem acompanhado de algumas novidades. Pela primeira vez, apoiará os proprietários de terras em todo o bioma Mata Atlântica: 3.276 municípios e 1.300.000 km². Esse edital vai representar uma boa oportunidade para regiões que nunca foram beneficiadas pelo Programa, agregando novos proprietários à causa da conservação privada. Vamos poder mapear o interesse dos proprietários de outras regiões, além dos corredores de biodiversidade já contemplados nos editais anteriores.

É o que espera Érika Guimarães, coordenadora do Programa, o qual tem contribuído para aumentar em quase 50% o número de RPPNs no bioma, mostrando, por um lado, o interesse de proprietários de terra em conservação e, por outro, o grande potencial dessa categoria de Unidade de Conservação para o fortalecimento de políticas de proteção da Mata Atlântica.

Parte da verba que será destinada aos projetos, de R\$ 500 mil, é oriunda de uma doação feita no final de 2008, pelo Ministério do Meio Ambiente alemão, através do banco KfW, para o Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio) no valor de 2 milhões (cerca de R\$ 6,5 milhões) a serem destinados a projetos de conservação da Mata Atlântica.

Esses são os primeiros recursos disponibilizados pelo Fundo de Conservação da Mata Atlântica - Funbio/KfW, e destinam-se a uma série de ações de conservação no bioma, como apoio ao combate de incêndios florestais em unidades de conservação federais.?, destaca Pedro Leitão, secretário geral do Funbio.

Esta parceria traz um novo e importante fôlego para o Programa, aumentando a escala e possibilitando valorizar a iniciativa dos proprietários que encaram o desafio da conservação. Esperamos que mais e mais empresas e órgãos de financiamento venham participar desta rede, comenta Marcia Hirota, diretora de Gestão do Conhecimento da SOS Mata Atlântica.

Os projetos selecionados receberão até R\$ 8 mil para criação individual, até R\$ 25 mil para criação em conjunto e para elaboração e implementação de planos de manejo (categoria que pelo segundo ano é incluída no Programa).

Histórico - Desde o seu início, o Programa de Incentivo às RPPNs da Mata Atlântica focou os corredores de biodiversidade - Corredor da Serra do Mar, Central da Mata Atlântica, do Nordeste e Ecorregião Florestas com Araucária - como alvo inicial de investimentos.

Eles são uma estratégia de conservação utilizada para a proteção da biodiversidade em diferentes escalas, mas com enfoque regional, buscando o manejo integrado da rede de unidades de conservação, contribuindo para manter ou incrementar a conectividade da paisagem. As estimativas indicam que, se adequadamente manejados, esses corredores podem, coletivamente, proteger 75% das espécies ameaçadas da Mata Atlântica.

As RPPNs são importantes para proteger o entorno de unidades públicas como parques e reservas biológicas, reduzindo a pressão externa e contribuindo para a conservação de inúmeras espécies ameaçadas de extinção da Mata Atlântica como o mico-leão-da-cara-dourada (*Leontopithecus chrysomelas*) e o papagaio-chauá (*Amazona rhodocoryta*), entre outras. Dessa maneira, é fundamental a participação dos proprietários de terra na proteção do nosso patrimônio natural.

Pensando nisso, foi lançado em 2003 o Programa de Incentivo às RPPNs da Mata Atlântica, com recursos do CEPF (Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos) e do Bradesco Cartões, para apoiar projetos de criação e gestão de RPPNs nos Corredores da Serra do Mar e Corredor Central da Mata Atlântica.

Os projetos são apoiados por meio de editais lançados periodicamente e esta foi a primeira linha de financiamento no Brasil a atuar diretamente em projetos de proprietários de reservas (pessoa física), com o mínimo de burocracia.

Em 2006, a parceria foi estendida à The Nature Conservancy (TNC) e passou a contar também com patrocínio do Bradesco Capitalização, o que permitiu que o Programa ampliasse sua área de atuação para o Corredor do Nordeste e a Ecorregião Floresta com Araucária, além do lançamento de uma nova linha de financiamento de projetos por meio de Demanda Espontânea.

Serviço: As propostas e os documentos necessários para análise devem ser encaminhados impreterivelmente até 16 de fevereiro de 2009 (data de postagem no correio) para: Programa de Incentivo às RPPNs da Mata Atlântica - Erika Guimarães - Rua Manoel da Nóbrega, 456 - 04001-001 - São Paulo - SP

O novo edital de projetos está disponível para consulta nos sites: www.sosma.org.br, www.conservacao.org, www.nature.org/brasil, www.corredores.org.br e www.funbio.org.br.

Fonte: Anderson Tosetto – Biólogo - Programa de Manejo em Reservas Privadas - RPPN Paraná - Celular: (42) 9103-9876 - Skype: atosetto - Email: anderson@rppnparana.org.br - Associação Paranaense de Proprietários de RPPN - RPPN Paraná - www.rppnparana.org.br - Rua Xavier da Silva, 1655 - 85.010-220 Guarapuava-PR - Fone: (42) 3622-0808

SEAB

DERAL – DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL

Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva - andrades@pr.gov.br -
fone: 0xx41-3313.4132 – fax: 3313.4031 - deral@seab.pr.gov.br - www.seab.pr.gov.br